

UM COMERCIANTE JAPONÊS: HISTÓRIA DE VIDA NO BAIRRO ORIENTAL DE SÃO PAULO¹

Sachio Negawa

RESUMO: O método da história de vida traz resultados para pesquisar a migração. Mas, no caso da história de vida de imigrantes, a sua grande maioria se refere à “história de sucesso” ou à “história de insucesso”. Veremos, aqui, a formação e a transformação do Bairro Oriental por meio da análise da história de vida de um comerciante japonês, aqui chamado *K*. Podemos apresentá-lo como a imagem de um imigrante que é diferente não só quanto ao modelo de “adaptação e assimilação” mas também ao de “sucesso” e “insucesso”.

ABSTRACT: The life history method has effects in migration researches. But in the case of the life history of immigrants, most of them deals with the theme of “successful history” or “unsuccessful history”. This study shows the formation and the transformation of the Oriental Town by means of the analysis of a Japanese merchant’s life history, here named *K*. This study presents an immigrant image that is different not only of the “adaptation and assimilation” model but also of “success” and “unsuccess” models.

PALAVRAS-CHAVE: migração; história de vida; bairro étnico; “sucesso” e “insucesso”; diversidade de padrão de vida.

KEYWORDS: migration; life history; ethnic town; “success” and “unsuccess”; diversity of grade of life.

1. O presente artigo baseia-se numa parte do terceiro capítulo da dissertação de mestrado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, com o título *Formação e Transformação do Bairro Oriental: Um Aspecto da História da Imigração Asiática da Cidade de São Paulo*.

1. Introdução

Até hoje, no campo da história social, da sociologia e da antropologia, as pesquisas urbanas e de migração têm aplicado o método da história de vida. Especialmente na Escola sociológica de Chicago, esse método é uma das bases das pesquisas urbanas.

Por exemplo, no *The Polish Peasant in Europe and America* (1918-1920) de William I. Tomas e Florian W. Znaniecki, que fez época na pesquisa, a história de vida das 50 famílias polonesas foi reconstruída com base nas cartas destas, trocadas entre a Europa e os Estados Unidos e também com a autobiografia escrita pelo polonês *Uradeck*. Há pesquisas, dentro da série de monografias de Chicago, que apontam uma relação entre a pesquisa de migração e a história de vida, como *Jack Roler* (1930) de Clifford R. Shaw e *Street Corner Society* (1943) de W. F. White, que são as obras representativas das pesquisas que baseiam-se no método da observação participante, indicando essa mesma relação.

Essa relação entre a pesquisa de migração e a história de vida não é coincidência fortuita. Podemos considerar que existe uma relação necessária entre elas. Esta é sustentada não só pela quantidade de documentos que oferece para a pesquisa mas também pela qualidade. Podemos aplicar as experiências dos imigrantes como primeira fonte. Porque, no Brasil, ainda é possível entrevistar alguns dos imigrantes japoneses da primeira geração, ou seja, podemos coletar os dados originais. Aliás, foram indicados vários problemas na relação entre a pesquisa de migração e a história de vida. Arisue (1996) pôs em ordem esses problemas. Especialmente dentre os problemas metodológicos, reexamina o enfatismo no “caráter dramático” dos entrevistados.

No caso de “história de vida de imigrantes”, a grande maioria traz um tema de “história de sucesso” ou de “história de insucesso”. Isso, segundo minha consideração, coincide com a concepção do processo de “adaptação/assimilação” como vimos no parágrafo anterior. Isto é, mesmo que seja no caso dos imigrantes japoneses, a história de vida é descrita conforme processo da unificação de “estados nacionais” no continente norte americano. A grande maioria dos imigrantes japoneses experimentou um sofrimento indescritível: o trabalho duro em fazendas; a emigração para as cidades após o término do contrato; e a fixação e a exclusão dos imigrantes; além disso, o rompimento das relações entre o Japão e os EUA; a vida no campo de concentração [...] Mas, hoje, os imigrantes *dekassegui*, como no caso dos nipo-brasileiros, nipo-peruanos e nipo-bolivianos não são casos nem de “sucesso” e nem de “insucesso” (Arisue, 1993, p. 241)

Ou seja, no método tradicional da “história de vida dos imigrantes”, o autor critica a importância que se dá a aspectos duais como “sucesso” ou “insucesso” e, no qual se deu a “adaptação” e “assimilação”. Mas, além disso, na elaboração da história de vida, há vários problemas.

Negawa (1996) escreveu anteriormente sobre a história de vida da seguinte forma:

A memória da vida é muito intensa em sentimentos, ao mesmo tempo é delicada e sutil. É muito difícil cortar e extrair seus pedaços, e reorganizá-los como história de vida [...]. (Negawa, 1996, p. 78)

Não é fácil descrever a imagem de toda a história de vida, isto é, às vezes isso acaba dificultando desnecessariamente. Finalmente, não há importância em escrever

meramente “sucesso” ou “insucesso” e processo contínuo de “adaptação” e “assimilação”, é mais importante focalizar-se nas histórias de vida.

A entrevista em que esse estudo se baseia foi realizada para descrever a etno-historiografia do Bairro Oriental de São Paulo. Por isso, limitou-se a mencionar as partes da história do entrevistado que se relacionam com o Bairro Oriental, exceto os eventos importantes da vida como nascimento; emigração; casamento; separação da família por morte.

Como diremos no próximo tópico, o Bairro Oriental é mais uma área comercial do que residencial. O fator turístico dessa área também reforça as atividades comerciais. Então, como os comerciantes entraram na área, como viveram e como participaram da formação do bairro? Baseada nos dados da entrevista neste estudo, em especial, foi reconstruída a história de vida de um comerciante japonês chamado *K*, morador do bairro.

Acreditamos que há os seguintes significados na apresentação desse tipo da história de vida:

- 1) Não tínhamos nenhuma etnografia sistemática do Bairro Oriental de São Paulo, embora fosse conhecido como o maior bairro japonês fora do Japão. Podemos conhecer parte da formação e transformação do bairro por meio da história descrita aqui;
- 2) O entrevistado *K* possui experiência na administração de pensão e restaurante japonês. Ambos eram os serviços típicos exercidos por japoneses. Portanto, podemos assumir que o entrevistado *K* ocupa o lugar de um estereótipo de comerciante japonês em área urbana;
- 3) Além disso, podemos apresentar um retrato do imigrante que não só é igual ao modelo de “adaptação e assimilação” mas também de “sucesso” e “insucesso” ou seja, esperamos analisar a diversidade de padrão de vida entre estas duas últimas categorias.

2. Breve Descrição da Formação do Bairro Oriental

O Bairro Oriental situa-se praticamente no centro da cidade de São Paulo. É o lugar mais movimentado dentro do distrito da Liberdade que conta com 76.245 habitantes (Sposati, 1995, p. 5). O bairro é uma área delimitada, a grosso modo, pelos seguintes logradouros: a Praça da Liberdade como núcleo, a esquina da Rua da Glória com a Rua Conde do Pinhal ao norte, a Av. Liberdade a oeste, a Rua São Joaquim ao sul e a Rua Conselheiro Furtado a leste (V. Mapa I). É uma área comercial, turística e cultural que parcialmente inclui uma área residencial. O comércio desta área é composto por restaurantes, bares, lanchonetes, hotéis, agências de turismo, mercearias, lojas de miudezas, docerias, lojas de lembranças, farmácias, cabeleireiros, centros de jogos, *karaokê*, bingos, *shopping centers* etc.

Sobre a história do Bairro Oriental, concorda-se, geralmente, que teve origem com a inauguração do Prédio Niterói em 1953. Porém, antes da Segunda Guerra Mundial já existia uma concentração de japoneses ao redor da Rua Conde de Sarzedas. Apesar da decadência do bairro devido à dispersão em 1942, os japoneses, logo após a guerra, restauraram de imediato seus jornais, hotéis, restaurantes, pensões, mercearias etc.,

MAPA I



fazendo surgir outra concentração de japoneses na Rua Cantareira, próxima ao Mercado Municipal no lado norte do Largo da Sé. Essas foram as principais condições históricas que originaram o Bairro Oriental na área ocupada atualmente.

2.1. Aparecimento do Prédio Niterói

Podemos enumerar três eventos como oportunidades para a formação do Bairro Oriental, a partir da década de 50 até a década de 70: a inauguração do Prédio Niterói em julho de 1953, a fundação do Centro da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa em abril de 1964 e a abertura da estação do metrô Liberdade em fevereiro de 1975. Pretendemos considerar a formação dessa área por meio do exame desses três eventos.

Como todos sabem, a primeira oportunidade para o nascimento do Bairro Oriental foi a inauguração do Prédio Niterói no dia 23 de julho de 1953. O prédio foi fundado e administrado pelo comerciante japonês de cereais Yoshikazu Tanaka (1906-1979). Era uma grande instalação de lazer com cinco andares e um subsolo, num terreno de 1.500 metros quadrados de área. O subsolo era o Cine Niterói, um cinema japonês permanente com 1.500 assentos. Acima do primeiro andar havia o restaurante, a sala de convenções e o hotel.

Os japoneses, sedentos por espetáculos após a guerra e a disputa entre *Kachigumi* (o grupo dos vitoriosos) e *Makegumi* (o grupo dos esclarecidos)² lotaram, rodearam o Niterói com alegria desvairada. “A fila sem fim” aparecia no jornal. A partir do ano seguinte, lojas como a Doceria Niterói, Suguio, o Restaurante Asahi, Chá Flora, Naniwa, Nishitani, Bar Kimura, Ikeda, Miyagawa, Arikawa, Uchida e Eguchi eram inauguradas na Rua Galvão Bueno. A nova rua comercial formou-se por etapas, sendo o modelo do Bairro Oriental mais tardio.

Após essas primeiras, as lojas aumentaram por etapas, e a agência do banco Bradesco estabeleceu-se na Praça da Liberdade em 1957. No fim da década de 50, quatro cinemas apareceram no bairro, e ele recebeu o papel de centro de lazer. A Associação de Confraternização dos Lojistas do Bairro da Liberdade, atual Associação Cultural e Assistencial da Liberdade (ACAL), foi fundada quando Yoshikazu Tanaka assumiu a presidência em 1965. Essa associação incumbiu-se de planejar e realizar vários eventos para a promoção do bairro. Desse modo, desenvolveu-se como núcleo de atividade comercial e de lazer da comunidade nikkei.

2.2. Fundação do Centro da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa

Na década de 60, um outro núcleo da comunidade nikkei nasceu: a Comissão Colaboradora da Colônia Japonesa Pró-IV Centenário da Cidade de São Paulo.

2. Um conflito que ocorreu logo depois da Segunda Guerra Mundial entre os nikkei nas cidades de São Paulo e do Paraná. A Segunda Guerra Mundial acabou com a derrota do Japão, porém, corriam boatos de que o Japão vencera. O *kachigumi* (o grupo dos vitoriosos), pessoas que acreditavam na vitória do Japão e o *makegumi* (o grupo dos esclarecidos), as que detinham a informação correta acabam entrando em confronto. A *Shindô-renmei*, uma organização central do *kachigumi*, por diversas vezes praticou atos de terrorismo e, em resposta, o *makegumi* fez represálias. O número total de incidentes com feridos e mortos chegou a 109 casos até janeiro de 1947 (CEHIJB, 1992, p. 171). As autoridades brasileiras inquietaram-se com essa situação grave, até que finalmente o DOPS interviu nesse acontecimento, e o número de detidos atingiu 387 entre outubro e novembro de 1946 (*idem*, p. 154). Ao mesmo tempo, o movimento de esclarecimento pelo *makegumi* foi intenso e a situação se estabilizou. Entretanto, esse acontecimento deixou marcas profundas na comunidade nikkei.

A cidade de São Paulo, fundada pelos 13 jesuítas no dia 25 de janeiro de 1554, desenvolveu-se de repente graças ao *boom* do café. Ela se tornou a maior cidade comercial e industrial da América do Sul por meio da industrialização e da urbanização. Os movimentos para comemorar condignamente o quarto centenário dessa cidade surgem não só na cidade e no Estado como também na esfera federal. O governo brasileiro tinha a vontade de realizar esse evento para retirar a imagem do Brasil de país subdesenvolvido e mostrar o seu desenvolvimento em nível internacional. Assim, às associações étnicas e às representações diplomáticas no Brasil o governo lançou um apelo de participação e apoio para a comemoração.

Todavia, na comunidade nikkei ainda não inteiramente livre das agitações do pós-guerra, não existia nenhuma instituição central, e o Consulado Geral do Japão, recentemente reinstalado, ainda não funcionava plenamente. Entretanto, a comunidade nikkei representada por Kiyoshi Yamamoto, o gerente-geral da Casa Tozan, e o cônsul-geral Shirô Ishiguro, por exemplo, reuniram-se muitas vezes para debater a decisão de participar ou não da festa. Como resultado, estabeleceu-se a Comissão Colaboradora da Colônia Japonesa Pró-IV Centenário da Cidade de São Paulo no dia 8 de dezembro de 1952. *Uma Epopéia Moderna: História dos 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil* avaliou esse acontecimento do seguinte modo: “É a primeira entidade que engloba toda a comunidade nipônica do Brasil, em toda a sua história, abrangendo o período anterior e posterior à guerra” (COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DA HISTÓRIA DOS 80 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL = CEHIJB, 1992, p. 397).

É preciso esclarecer que na Rua São Joaquim, justamente no limite do Bairro Oriental ao Sul, havia alguns moradores japoneses desde antes da guerra. O Grupo *Taishô Shôgaku* mudou-se da Rua Conde de Sarzedas para lá em 1929. Além disso, em julho de 1954, o Cine Tóquio, um cinema japonês permanente, foi fundado próximo à Av. Liberdade.

Em abril de 1964, fundou-se o edifício do Centro da Sociedade Paulista de Cultura Japonesa, futuro Centro da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa. Suas principais realizações da década de 60 foram a visita de Suas Altezas Imperiais, os Príncipes Herdeiros Akihito e Michiko (atuais Imperador e Imperatriz) em maio de 1967, a cerimônia do 60º aniversário da imigração japonesa em junho de 1968 e a construção do auditório comemorativo da visita dos príncipes herdeiros. Assim, o espaço entre a Praça da Liberdade e a Rua São Joaquim desenvolve-se como um espaço organizado. Na mesa redonda “História dos 50 anos do Bairro da Liberdade” realizada em 1996 sob orientação da ACAL, concordou-se que os participantes nikkeis começaram a se organizar nessa época, tendo como núcleo a ACAL e o Centro da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa:

Toyama: Em 1964 foi criada aquela associação. Em 1968 foi mudada a designação para Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa

Tanaka: Naquela época, a Associação de Confraternização dos Lojistas do Bairro da Liberdade e a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa tinham muita força.

Em torno destas duas associações, os nikkeis passaram a se reunir. (ACAL, 1996, p. 99)

Este período corresponde ao novo desenvolvimento da cidade de São Paulo, e a área, que se desenvolveria como Bairro Oriental no futuro, foi influenciada por essa

política. Ou seja, devemos compreender que naquela época, pessoas da associação tentaram acompanhar a onda do desenvolvimento da capital com todo o empenho.

Em 1968, o Prédio Niterói foi transferido para construção da Linha Radial Leste-Oeste, e abriu-se o atual Viaduto Osaka.

2.3. Abertura da Estação do Metrô Liberdade

O metrô foi instalado entre Liberdade e Jabaquara em fevereiro de 1975. Na estação Liberdade, a inauguração foi realizada na Praça da Liberdade.

A Praça da Liberdade, antigamente, era um parque silencioso cheio de árvores. As inúmeras fotos e depoimentos atestam esse fato. “Na Praça da Liberdade, antigamente, havia um morro onde costumava subir e descer descalço” (ACAL, 1996, p. 51). Além dessa pequena colina, existia um lago com barquinhas, a estátua de bronze de Diogo Feijó e uma lanterna de pedra típica japonesa instalada após o 50º Aniversário da Imigração Japonesa. Era um lugar muito tranquilo onde os namorados sussurravam sem fim.

Nessa época, só existiam algumas pensões e restaurantes na praça, e o cinema nikkei Cine Jóia na Praça Carlos Gomes, incapazes de atrair muitos clientes.

A ACAL, receando o perigo, propõe as idéias de revitalização citadas abaixo.

Desde o final da década de 60, a associação estava iniciando a construção de infraestrutura e os capitais turísticos do bairro. Em 1969, é realizada na Praça da Liberdade a Dança de *bom-odori* da 1ª Festa Oriental; em 1970, Tsuyoshi Mizumoto, então Vice Presidente da associação, traz 1000 galhos de pés de salgueiro do Japão e enfeita uma parte da Rua Galvão Bueno; em 1972, a associação convida as principais autoridades da Secretaria de Segurança Pública e pede que sejam tomadas providências contra a onda de crimes na Rua Galvão Bueno; em janeiro de 1973, foi iniciada a construção do jardim japonês ao lado do Viaduto Osaka; no mesmo ano, deu-se a instalação permanente das lanternas *suzurantô* na Rua Galvão Bueno e adjacências; o bairro ganha o concurso de decoração de ruas das festas natalinas e de final de ano e tem início o concurso de Miss Colônia, entre outros. A construção do arco de *Torii* deu-se em janeiro de 1974 (ACAL, 1996, pp. 18-20). A data de nascimento oficial do Bairro Oriental é o dia 9 de novembro de 1974. Um esplêndido desfile foi celebrado para a sua comemoração.

Liberdade (1986) descreve o desenvolvimento turístico da área da seguinte maneira:

Em 1974, quando foi inaugurado o Metrô e reaberta a Avenida Liberdade, completamente remodelada, atendendo aos pedidos da Associação dos Lojistas, a Secretaria Municipal de Turismo, com o auxílio destes, comprometeu-se a incentivar a implantação de um plano paisagístico, dando ao bairro uma caracterização oriental. (DPDH, 1986, pp. 29-30)

Além disso, o mesmo livro descreve que as condições do bairro como área residencial adquiriram possibilidades de outra utilização:

[...] A presença do Metrô, aliada às boas possibilidades de mudança de uso que as dimensões desses imóveis oferecem, favorece esta transformação. (*idem*, p. 42)

Até a segunda metade da década de 80, continuou essa tendência. Iniciaram-se os eventos turísticos na Praça da Liberdade como *Hana-matsuri*, *Tanabata-matsuri*, *Tôyô-*

matsuri e *Mochitsuki-taikai* entre outros. Assim, o bairro será caracterizado como área de lazer.

3. História de Vida de um Comerciante Japonês

K nasceu na Província de Yamanashi³ em 1919. Antes da emigração, sua família era de agricultores. Chegou ao Brasil como imigrante com sua família em 1936, quando ele tinha 18 anos. Depois de trabalhar como colono, tentou plantar algodão com sua família. Em 1943 casou-se e teve 7 filhos, 2 homens e 5 mulheres. Em 1952 veio para São Paulo. Administrou uma pensão, depois de tentar, por um ano, o comércio atacadista de instrumentos de lavanderia. Em 1956, abriu o restaurante *H* na Praça da Liberdade, ali residindo durante quase 42 anos. O primeiro filho foi ao Japão como *dekassegui* e ainda não voltou. Agora reside com uma das filhas e sua família. É um típico comerciante japonês do Bairro Oriental.

A história de vida de *K* apresenta a seguinte cronologia:

História Cronológica da Vida de *K*

Ano	Idade	Tópico
1919	(0)	Nasce na Província de Yamanashi.
1933	(14)	Morte de sua mãe; forma-se no curso superior da escola primária e vai para Kôfu como aprendiz.
1936	(18)	Chega ao Brasil com a família; entra na colônia de Duartina – SP.
1943	(24)	Casa-se; a sua esposa é natural de Asahikawa, Hokkaidô.
1944	(25)	Nascimento da primeira filha.
1946	(27)	Nascimento do primeiro filho.
1948	(29)	Nascimento da segunda filha.
1950	(31)	Nascimento da terceira filha e do segundo filho.
1952	(33)	Vai para São Paulo, abre um comércio atacadista em Guarulhos.
1953	(34)	Adquire a pensão <i>M</i> .
1956	(37)	Vai para Liberdade; inicia a pensão <i>K</i> .
1965	(46)	Inicia o Restaurante <i>H</i> .
1968	(49)	Início da construção da Linha Radial Leste-Oeste.
1975	(56)	Abertura da Estação de Metrô Liberdade; nascimento oficial do Bairro Oriental.
1978	(59)	Primogênito casa-se e vai para o Japão.
1982	(63)	Morte de sua esposa.
1998	(79)	Fecha o restaurante <i>H</i> .

3. Yamanashi é o nome de uma província que fica no interior do Japão.

3.1. Emigração para o Brasil e Vida no Campo

“Minha terra natal é a Vila de Ubaguchi do Município Higashiyatsushiro de Yamanashi. Sou o quarto filho de sete irmãos.

“Na época em que me formei pelo curso superior da escola primária, minha mãe morreu e fui para Kôfu, Capital da província, para trabalhar como aprendiz. Por coincidência, o local de aprendizagem era um restaurante tradicional que servia *Kabayaki* de enguia como prato especial. Eu fui treinado como cozinheiro, e me especializei na culinária *Kabayaki* de enguia.

“Quando tinha 18, emigrei para o Brasil com minha família, menos o segundo irmão, que estava prestando serviço militar.”

Aqui mencionamos o *background* da época em que *K* emigrou para o Brasil.

Quando *K* emigrou para o Brasil, na época do governo de Getúlio Vargas, que teve início na década de 1930, o país estava profundamente afetado pelo Colapso na Bolsa de Nova York. O governo de Vargas promulgou a nova constituição em 1934. Em novembro de 1937, no ano posterior à emigração de *K* para o Brasil, Vargas estabelece sua ditadura por meio de um golpe de estado e estava implantando o Estado Novo (1937-1945). Este restringiu a aceitação de estrangeiros devido ao temor de que os imigrantes ocupassem os postos de trabalho dos brasileiros.

Observemos os movimentos que ocorreram após 1938 no Brasil:

- em agosto de 1938, nova lei de restrição aos imigrantes estrangeiros, confirmando na prática a lei dos dois por cento;
- em setembro de 1939, começo da censura especial à imprensa de língua estrangeira publicada no país;
- em 1940, começa o registro de estrangeiros;
- em agosto de 1941, proibição de publicação de jornais em língua estrangeira.

“Nós entramos para um cafezal em Duartina no interior de São Paulo, fomos colonos durante dois anos. E aí, por mais dois anos, tentamos plantar algodão. E depois, mudamos para Mesquita, perto de Marília, compramos um terreno de 30 alqueires e produzimos algodão.

“Me casei com minha mulher por *miai*⁴ por intermédio de um conhecido. Naquele tempo, *miai* era muito comum na comunidade japonesa. No nosso casamento, não pudemos convidar muita gente e nem cantar. Sabe por quê? Na época, era proibido reunir japoneses por causa da Segunda Guerra⁵.”

Sobre o motivo pelo qual foi para São Paulo, *K* diz o seguinte:

“Sabe? Nós plantávamos algodão. Ficamos com urticária por causa dos agrotóxicos. Além disso, para dar educação para as crianças. Nem tinha médico decente...”

4. *Miai* significa casamento tradicional arranjado.

5. No dia 19 de janeiro de 1942, a Superintendência da Segurança Pública de São Paulo baixou o edital “para regulamentar a atividade dos estrangeiros naturais dos países do Eixo”. Dentro desse edital havia o seguinte: I – Em face da ruptura das relações diplomáticas do Brasil com a Alemanha, Itália e Japão, faço público que ficam os súditos destes últimos países, residentes neste Estado, proibidos: 1º – da

3.2. *Ida para São Paulo*

De qualquer modo, em 1952, *K* foi com sua mulher e 5 filhos para São Paulo. Foi o primeiro dos irmãos a sair. Entretanto residiu em Guarulhos, que era subúrbio. É um modelo da forma de urbanização das famílias nikkeis da comunidade rural onde o segundo e/ou o terceiro filho saem para a cidade grande.

“Em Guarulhos já moravam os meus sogros. Primeiro, tentei como atacadista de artigos de lavanderia, mas deu certo só um ano. A sogra, que ensinava o artesanato aqui e ali, me aconselhou a tentar ensinar a culinária. Por isso passei a andar e ensinar culinária pra lá e pra cá. Um dia soube que a pensão *M* estava à venda, e a comprei.”

Antes da Segunda Guerra Mundial, a grande maioria dos japoneses morava na área rural. Em 1939, ano em que começou a guerra na Europa, residiam no Brasil 202.211 japoneses, 4.875 na cidade de São Paulo, ou seja, apenas 2,4 % do total (CEHIJB, 1992, p. 226). Na década de 20, uma concentração de japoneses já apareceu ao redor da Rua Conde de Sarzedas, bairro da Liberdade, e aumentou nos bairros quase dormitórios, como Pinheiros e Tucuruvi, e também em torno do mercado de verduras para despacho de carga dos produtos. Em Pinheiros especialmente, o depósito que depois se tornou a sede da Cooperativa Agrícola de Cotia (1927) provocou uma maior concentração de moradores nikkeis.

Tanto na Rua Conde de Sarzedas quanto em Pinheiros, nas concentrações dos japoneses, havia pensões com refeição. Handa escreve minuciosamente sobre o papel dessas pensões:

Gostaria de falar, aqui, sobre as pensões, que tiveram um papel relevante na história dos imigrantes japoneses. Os armazéns, que foram o ponto de partida do aparecimento das cidades, não eram exclusivos dos japoneses, sequer nos núcleos de colonização japonesa. Mas, em qualquer cidade haveria de existir uma pensão ou hospedaria japonesa.

Era quase que obrigatória uma parada na pensão antes de entrar para os núcleos de colonização. E, para aqueles que nestes já estivessem instalados, a pensão servia como um ponto de apoio quando tinham que ir até a cidade cuidar de assuntos diversos. Quando alguém adoecia, era ao dono da pensão que se pedia um médico. Também era comum pedir a ele que, usando de seu relacionamento, persuadisse o médico a conseguir um leito na Santa Casa da cidade.

Isso não acontecia só nas cidades do interior. Era a mesma coisa também em São Paulo. [...]

Talvez pudéssemos chamá-la de “hospedaria dos imigrantes” Alguns poderão imaginar um lugar sujo, barulhento. Mas, para os imigrantes que tinham conseguido chegar lá, era um espaço onde se sentiam aliviados, como se tivessem tirado um peso das costas, fazendo-os esquecer do fato de estar num país estrangeiro. (Handa, 1987, p. 500)

disseminação de quaisquer escritos nos idiomas de suas respectivas nações; 2º – de cantarem ou tocarem hinos das potências referidas; 4º – do uso do idioma das mesmas potências, em concentrações, em lugares públicos (café etc.); 7º – de se reunirem, ainda que em casas particulares, a título de comemoração de caráter privado; entre outros. (CEHIJB, 1992, p. 257)

Estas pensões alugavam quartos de contrato semanal ou mensal para os japoneses que saíram do interior para São Paulo, serviam comida e às vezes arranjavam empregos. As pensões eram locais de convívio dos japoneses que podiam conversar no próprio idioma, um lugar de troca de informações e uma agência pública de emprego.

3.3. *Negócio do Bairro Oriental*

O negócio de *K*, a pensão de Pinheiros, parecia estar dando certo. Porém, *K* mudou-se para Liberdade em 1956, de acordo com o seu desejo de “ter um negócio perto do centro, se for possível” Ele alugou um canto da Praça da Liberdade e abriu a pensão e o restaurante *H*.

“Após a Segunda Guerra Mundial, em 1956, mudamos para a Liberdade, porque o lugar na frente da Praça da Liberdade estava sendo alugado por 10 contos. Pinheiros não era ruim, mas nós tínhamos o desejo de ficar perto do centro da cidade. Quando nós mudamos para a Praça da Liberdade tinha apenas algumas lojas nikkeis, não era movimentada como hoje.”

Naquela época, logo após o aparecimento do Prédio Niterói, abriram-se lojas japonesas uma após a outra e deu-se início à formação do bairro japonês “da Galvão Bueno”. No restaurante, *K* servia o *Kabayaki* de enguia, que aprendera a cozinhar quando estava no Japão, como prato especial. Diz ele que havia encomendas até para os eventos das associações de província e organizações culturais nikkei, inclusive do Consulado Geral do Japão. Neste ponto, podemos afirmar que *K* tinha visão de futuro.

Entretanto, em 1968 iniciou-se a construção da Radial Leste-Oeste, e em seguida a obra do Metrô da Linha Norte-Sul. Há uma foto da vista da construção da Radial Leste-Oeste (DPDH, 1986, p. 47). Ela mostra os caminhões com guindaste revolvendo toda Praça da Liberdade, amontoando os materiais da obra. Na época, seguia-se direto à modernização e industrialização, representando o *Milagre do Brasil* de acordo com as diretrizes do governo. A construção da Radial Leste-Oeste e do Metrô também fazem parte do projeto de um novo desenvolvimento de São Paulo. Porém, eram uma grande desgraça para os moradores e comerciantes da Liberdade.

A abertura da Avenida Radial Leste-Oeste teve conseqüências mais perniciosas para o bairro: mutilou uma faixa considerável do tecido urbano, demolindo um grande número de edificações, além da antiga Praça São Paulo e de seu Teatro. Além disso, originou um corte intransponível em toda a extensão do bairro, seccionando de forma estanque duas grandes áreas e quebrando sua continuidade de integração. (*idem*, p. 47)

“Quando tinha a construção do Metrô, era terrível. Durava o dia inteiro. Falei para minha esposa parar nosso negócio várias vezes” diz *K*. Havia perigo em cuidar das crianças.

“Sabe? Pois a Praça da Liberdade foi cercada por arames, tinha apenas um metro entre a cerca e as construções. [...] Uma noite (*por causa do impacto da construção*), o telhado acabou caindo.” *K* fez a família mudar-se para a Rua Tamandaré, e continuou a pensão sozinho. Ele diz que, bem ou mal, conseguiu pagar o aluguel com os aluguéis

dos locatários. Às vezes ele abria os cursos de culinária japonesa na região. Enquanto isso, sua esposa administrava a pensão.

A abertura da estação da Liberdade deu-se em fevereiro de 1975, como foi dito no capítulo anterior.

“Com a estação do Metrô, começaram a aumentar os clientes. Especialmente na *Tôyô-Ichi* (Feira Oriental) dos domingos, ganhei muito. Meu restaurante servia *Kabayaki* de enguia como prato especial. Fiquei contente quando um cliente falou: ‘comi enguia no outro restaurante, mas não deu certo. Enguia tem que ser do restaurante *H*, por isso vim para comê-la de novo!’ ”

Ele diz sobre a época: “Às vezes os times de beisebol ocupavam a pensão, e nós dormíamos na cozinha”. Foi a época áurea do Bairro Oriental como bairro japonês. Cinco filhas residiam em São Paulo e sua periferia, porém, ambos os filhos afastaram-se dele.

“O filho herdeiro se casou com uma mulher de Yamanashi, foi para o Japão e não volta pra cá. Já faz 20 anos. Agora está trabalhando como chefe de cozinha de um hotel turístico de Iizawa em Yamanashi. E outro filho está trabalhando como gerente de hotel em Poços de Caldas. As filhas se casaram e deixaram a casa uma após outra. A esposa morreu em 1982.”

Finalmente, *K* acabou fechando o seu restaurante em maio de 1998. As causas foram:

- 1) O falecimento da sua esposa;
- 2) Não havia um sucessor para o negócio;
- 3) Acabou o fornecimento de enguias;
- 4) O desgaste do imóvel onde se localizava o restaurante.

Essas causas, especialmente a 2) e a 4) são típicas da retirada dos comerciantes japoneses do bairro.

Enquanto os comerciantes japoneses começaram a se afastar do Bairro Oriental, desde a década de 70 a 80, a urbanização rápida dos recém-chegados asiáticos, chineses e coreanos, avançou. O bairro como concentração das informações em língua japonesa atraía os chineses e os coreanos, falantes do japonês, que ocuparam o espaço após a saída dos japoneses.

“Quando tentei vender o ponto, só chineses e coreanos vieram ver, mas nenhum japonês” diz *K*. Podemos imaginar que a grande maioria dos comerciantes japoneses tinha desistido de ampliar o comércio no Bairro Oriental. O aluguel na época em que ele tentou vender seu restaurante era de apenas R\$700. Nas páginas dos jornais *nikkei* da década de 80, vez por outra havia anúncios da transferência da loja de japoneses para chineses ou coreanos⁶

6. A força principal da formação deste bairro foi basicamente a dos japoneses, mas temos que levar em conta a influência dos imigrantes chineses e coreanos para o desenvolvimento e a transformação do bairro. Não foi feito, ainda, nenhum estudo sobre a expansão dos chineses e dos coreanos no Bairro Oriental de hoje, embora essa influência seja inegável para a transformação do bairro, como afirma um japonês, dono de uma loja desse bairro, queixando-se de que o Bairro Oriental tornar-se á uma *chinatown* num futuro próximo.

“Não tinha nada que fosse chato” diz *K*, recordando sua vida, apesar de imaginarmos que havia bastante sofrimento. Hoje, ele mora num apartamento com a família da sua segunda filha na Rua Tamandaré, perto do Bairro Oriental.

Conclusão

Através deste pequeno artigo pretendemos mostrar a história de vida de um dos últimos comerciantes da primeira geração de imigrantes do Bairro Oriental de São Paulo. E esperamos ter apresentado um dos aspectos da formação e transformação deste bairro como um bairro étnico asiático. A história de vida de *K*, especialmente a sua segunda parte, acompanhou o bairro e simbolizou sua formação e transformação.

Qualquer pessoa possui eventos em sua vida que lhe são centrais e gratificantes. Neste ponto, o mais importante é que *K* diz que “não tinha nada de chato” A sua emigração para o Brasil foi confirmada como um sucesso em sua experiência subjetiva. Sem dúvida que foi um sucesso, pois *K* não conseguiu ser profissional no Japão. Foi *sensei* de cozinha e elogiado como mestre pelos clientes por ter emigrado para o Brasil. Ao contrário, não podemos afirmar que sua vida foi um sucesso se levarmos em conta que *K* não conseguiu transmitir seus conhecimentos de culinária para um de seus filhos. No entanto, *K* conseguiu durante sua vida abrir o restaurante *H* e alcançar a aposentadoria.

Temos que prestar muita atenção ao que *K* justifica e relata como “sucesso” em sua vida. Por isso não podemos reduzir a história de vida a um esquema simplificado de “sucesso” ou “insucesso”, é necessário avaliá-lo como uma estratégia em terra estrangeira. Nesse sentido, a cognição do entrevistado oscilou entre “sucesso” e “insucesso”. Portanto, na pesquisa da história de vida, necessitaríamos ainda analisar a diversidade do padrão de vida entre as categorias “sucesso” e “insucesso”

Dados do Entrevistado

Assunto	Dados
Nome Completo	<i>M. K.</i>
Ano de Nascimento	1919
Local de Loja	Praça da Liberdade
Profissão	Ex-dono de pensão e restaurante (1956-1998)
Relação com o Entrevistador	Conhecido de primeira vez
Ambiente de Entrevista	1) Na casa do entrevistador (29/05/1999) 2) Na casa do entrevistado (17/11/1999) 3) Na casa do entrevistado (06/06/2000)
Outras Pessoas Presentes na Entrevista	1) Não 2) Família do entrevistado 3) Família do entrevistado
Data de Entrevista	1) 29/05/1999 2) 17/11/1999 3) 06/06/2000
Impressão	Meio surdo; não tem boa audição do ouvido esquerdo e a memória está um pouco imprecisa.

Bibliografia

- ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ASSISTENCIAL DA LIBERDADE (ACAL). *Liberdade*. São Paulo, Associação Cultural e Assistencial da Liberdade, 1996.
- ARISUE, Ken. *Imin kenkyû to seikatsu-shi (A Pesquisa da Migração e a História de Vida)*. In *America no Nihon Imin (Imigrantes Japoneses na America – Cidade, Sociedade e Vida)*. Tóquio, Dôbunkan, 1995.
- COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DA HISTÓRIA DOS 80 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL (CEHIJB). *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos Imigração Japonesa no Brasil*. São Paulo, Hucitec, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992.
- DIVISÃO DE PRESERVAÇÃO DO DEPARTAMENTO HISTÓRICO (DPDH). *Caderno do Igepacsp 2: Liberdade*. São Paulo, DPDH, 1986.
- HANDA, Tomoo. *Imin no seikatsu no rekishi. (A História do Imigrante Japonês – O Caminho Percorrido pelo Nikkei)*. São Paulo, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1970.
- NEGAWA, Sachio. *Shidan no machi no seikatsu-shi (História de Vida no Bairro Militar)*. In *Kyôiku to kenkyû (Educação e Pesquisa)*, n. 12. Osaka, Momoyama-gakuin Kiyô-iinkai, 1996.
- SUPOSATI, Aldaíza (ed.). *Que Cidade É Esta?* São Paulo, Núcleo de Estudos e Pesquisas de Seguridade e Assistência Social, PUC/SP, 1995.
- TOMAS, William I. & ZNANIECKI, Florian W. *The Polish Peasant in Europe and America*, Illinois, University of Illinois Manufactured, 1984 (1918-1920).